



DIÁLOGO ENTRE OS RITUAIS DOS “POVOS PRIMITIVOS” DENTRO DO PROCESSO ARTÍSTICO CONTEMPORÂNEO

Patrícia Mendes Cavalcante. UEL
 Claudio Luiz Garcia. UEL

RESUMO: A partir da percepção da perda do sentido mágico na vida cotidiana do *homem* contemporâneo, construí quatro tendas, orientadas por conceitos xamânicos ancestrais, de modo a demonstrar que o processo artístico, assim orientado, pode ser forma do homem contemporâneo voltar a se conectar e se sensibilizar com o cosmos, trazendo a possibilidade de um olhar sagrado e mágico do mundo. O processo artístico percorreu o campo das instalações e rituais/performances, onde esses foram registrados através de fotos e vídeos. O trabalho indica que nos reconectar as origens ancestrais pode ser uma forma de pensar o homem em sua completude.

Palavras-Chave: xamanismo; mágico; arte contemporânea; rituais.

ABSTRACT: *From the perception of loss of magic sense in everyday life of contemporary man, I built four tents, guided by shamanic ancestors concepts, in order to demonstrate the artistic process, oriented by this way, can make the modern man back to connect and sensitize the cosmos, bringing the possibility of a sacred and magical look of the world. The artistic process toured the camp of the facilities and rituals / performances, where these were recorded through photos and videos. The paper indicates that reconnect the ancestral origins can be a way of thinking the man in his completeness.*

Key-words: *shamanism; magic; contemporary art; rituals.*

Mircea Eliade disse, certa vez, que não é suficiente, como meio século antes, descobrir e admirar a arte dos primitivos; temos que descobrir as fontes dessas artes em nós mesmos, de forma que possamos nos tornar cientes daquilo que, numa existência moderna, ainda é “mítico”, e sobrevive em nós como parte da condição humana. Participar diretamente da consciência xamânica, em nossa cultura, pode estar associado ao profundo medo metafísico, pelo fato de não estarmos acostumados a experimentar outros mundos a não ser o mundo cotidiano. Não cultivamos estados de transe nos quais não apenas uma profunda identificação vivencial com animais e plantas pode ocorrer, mas nos quais pode haver uma experiência espontânea de presenças arquetípicas que não pertencem à realidade ordinária (GABLIK in GUINSBURG; MAE BARBOSA, 2005, p.617)

Este artigo versa sobre um trabalho de criação poética em arte, envolvendo elaboração de objetos, instalação e performance. A pesquisa aponta o conceito de ritual, baseado em estudos sobre o xamanismo, e a utilização ritual das orientações magnéticas da terra, as quatro direções, e a ideia central do "Espaço Sagrado" para as culturas xamânicas. Os rituais que desenvolvi, a saber, "Ritual da Iniciação" e "Árvore: O Umbigo do Mundo" partem *a priori* de uma preparação e desenvolvimento de um espaço sagrado, que se constituiu a partir das quatro direções e as potencializa energética e semanticamente. Para o desenvolvimento deste artigo descreverei rapidamente sobre o processo de construção desse espaço sagrado e, posteriormente, discutirei sobre os rituais desenvolvidos.

A concepção de ritual está intrinsicamente associada à do sagrado. Sagrado para mim trata-se de uma forma de olhar e se relacionar com o mundo. Todas as coisas e manifestações que existem no mundo tornam-se sagradas quando reconhecemos a sua função e sua importância.

(...) para os primitivos como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder, e, no fim das contas, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia. (ELIADE, M. 1992, p.22)

Existe um sentimento comum no mundo contemporâneo, que pode ser denominado como despertencimento e desenraizamento. Esses sentimentos são desencadeados pelos meios mecanicistas em que vivemos na sociedade atual. O fluxo rápido, que a vida contemporânea nos direciona, dificulta o desenvolvimento de vínculos com a família, com amigos, com o meio ambiente e com nós mesmos, e assim nos perdemos em meio a tanta informação e correria, fazendo com que um sentimento de vacuidade se sobressaia.

Em seu texto "O reencantamento da arte: reflexões sobre os dois pós-modernismos", Suzi Gablik (2005) discute sobre a mecanicidade da vida contemporânea, e como a arte pode contribuir para problematizar tais questões e ativar novos olhares, sensibilidades e novas formas de viver:

(...) De acordo com o pós-modernismo reconstrutivista, a solução deve, de algum modo, envolver um encantamento do mundo, processo que dependerá de nossa habilidade em quebrar o círculo de rotinas e crenças construído pela cultura moderna e começar a transição rumo a um encadeamento diferente de experiências: encadeamento que transcenda o ambiente de consumo e se afaste da ideia de que apenas um modelo de universo- o moderno- explica a realidade. (GABLIK in GUINSBURG; MAE BARBOSA, 2005, p.616)

Nesse contexto, o presente trabalho se desenvolve com o propósito de estabelecer uma conexão com o ser através da comunhão e consagração com a natureza, e conseqüentemente com o cosmos no qual todos nós pertencemos.

Esse trabalho pode ser denominado como uma *mitopoética*, já que parte das quatro direções baseados nos conhecimentos xamânicos, para constituir um espaço sagrado, onde posteriormente foram desenvolvidos rituais, a saber: “Ritual da Iniciação” e “Árvore: O Umbigo do Mundo”. É buscando os conhecimentos xamânicos e mitológicos dos “povos primitivos”, e fazendo uma ponte entre esses conhecimentos, pensando sobre os problemas do homem contemporâneo, que esse trabalho artístico se desenvolve.

Pareceria, então, que aqueles artistas que percebem a necessidade de a consciência pós-moderna retornar ao mito – aqueles que estão tentando, em seus trabalhos, ganhar acesso a esses níveis mais profundos, a fim de reativar o sentido do mítico e do sagrado como um grande campo de força e proporcionar a manifestação das imagens oníricas de uma mitologia – já começaram a tarefa de transcender os nossos modelos mecanicistas e alienados (GABLIK in GUINSBURG; MAE BARBOSA, 2005, p.617).

Para a representação das quatro direções, costurei quatro tendas em malha, que se sustentam por um esteio central de bambu. Para sua concepção, ative-me aos quatro elementos fundamentais da natureza, bem como as estações do ano: terra, água, fogo e ar; primavera, verão, outono e inverno.

A primeira tenda construída foi da direção sul de elemento terra, estação primavera. Reuni todos os retalhos em tons de vermelho instigantes a pensar como dar forma a uma tenda que trouxesse a força desse elemento. A terra é onde se encontram as raízes, dando força e nutrindo tudo que tem vida, e, como dá forma a tudo que existe no plano físico, ela tem peso e traz sustentação. Partindo desses conceitos, construí a tenda com suas bases bem próximas ao chão, colocando em

sua base algumas pedras retiradas de um rio, para mais sensação de peso. Dentro do espaço da tenda fiz uma cova para a realização de oferendas, e em redor também coloquei potes com terra, uma pedra rutilada vermelha e um tambor.

A segunda tenda foi concebida como da direção oeste de elemento água, estação outono. Costurei-a com tons de malha laranja, cor do segundo *chakra* que se localiza na região dos órgãos genitais, nas mulheres se encontra exatamente na região do útero, onde todos se gestaram no recolhimento e envolvimento com o universo das águas através do líquido amniótico. Essa direção traz em si uma energia feminina. A água é fluida, e nos desenvolve nos níveis das emoções, e, quando alguma emoção envolve a nossa alma e começa a tomar nosso corpo, ela se materializa e se expressa através das lágrimas que passam a correr pelos nossos olhos. Água é emoção, é clareza, pureza e limpeza, é fonte que cria e sustenta a vida, é morte e renascimento.

Assim, idealizei que a água nos potes de cerâmica sustentasse essa tenda, através de pequenas tiras que, envolvendo cada pote pesado de água, ligassem a tenda aos potes, fazendo com que ela se distanciasse do solo, sugerindo leveza.

Conchas, ervas, calimba, pedra rutilado negro e sacos plásticos cheios de água são partes constituintes da tenda da direção oeste. As conchas nos lembram a importância de ouvir, inclusive nosso ser mais profundo, fundo como o mar onde as conchas se encontram; aprender a ouvir o silêncio é começar a ouvir a própria alma.

A terceira tenda a ser desenvolvida foi da direção leste de elemento fogo, estação verão. Sua cor é amarela como o sol que nasce, trazendo um novo dia cheio de novas possibilidades. O fogo é elemento de força masculina, com o impulso da luz que traz clareza e ativa a transformação.

A tenda dessa direção foi construída a partir de triângulos de vários tons de amarelo. Em seu topo, tiras de tecido se estendem para o alto e se fixam em um arco, como uma chama a invocar a força dos céus. Sua base também se fixa ao chão a partir de tiras, fazendo a tenda se manter um pouco elevada do solo. Um filtro dos sonhos*, com uma pedra ali centralizada e penas voltadas para cima, fica pendurada na entrada da tenda como forma de invocar a força do olho da águia, o animal vinculado a esta direção, com seu olhar do alto, amplo e direcionado.

O instrumento dessa direção é o sino, que chama a atenção do corpo, a lembrar que é hora de acordar e renovar, hora de soltar o velho para que o novo possa surgir - como a águia, que nos seus quarenta anos se recolhe para tirar as unhas, penas e bico, para poder viver mais quarenta anos.

Os objetos que completam essa tenda são uma pedra rutilado dourado e um pote de cerâmica com vela acesa.

A última tenda desenvolvida foi da direção norte de cor azul, elemento ar, estação inverno. O ar é leveza, é sopro leve e ventania; é respiração que mantém a vida; é elemento seco de energia masculina. Não vemos o ar, não pegamos o ar, o ar não tem forma e ocupa todos os espaços do mundo.

Para construção da tenda reuni retalhos nos tons de azul e alguns pedaços de branco. Essa tenda possui quatro tiras que se estendem desde seu topo até sua base, onde fiz alguns recortes para os vazados formarem desenhos que remetem as quatro direções. Esta tenda também possui quatro tubos localizados no topo, estendendo-se para fora, como canalizadores dos quatro ventos; lugar por onde chegam as mensagens dos anciãos que habitam os outros mundos.

Essa tenda parece flutuar, pois é um fio de nylon que faz a ligação entre a base da tenda e o chão, sugerindo seu aspecto de leveza. Os objetos que fazem parte da tenda dessa direção são o chocalho, uma pena branca, pedra rutilada branca e incenso. Montei essas tendas em uma área verde localizada na Universidade Estadual de Londrina.



Ritual da Iniciação. Outubro 2012.

As tendas delimitam um espaço, e, segundo os conhecimentos xamânicos, são portais que nos conectam a outros níveis de consciência. Segundo o dicionário dos símbolos de Jean Chevalier “o simbolismo da tenda é constante: a tenda é um lugar sagrado onde o divino é convocado a manifestar-se” (CHEVALIER, 2001, p. 877).

A tenda possui uma forte significação dentro das culturas primitivas, e foi dentro desse espaço que desenvolvi os rituais. O primeiro deles, o “Ritual da Iniciação”, foi realizado em outubro de 2012.

Para sua realização, convidei quatro pessoas para serem os “guardiões” das tendas, para auxiliarem o processo do ritual. Este iniciou-se com orações que eu declamava. Posteriormente me encaminhei para a tenda da direção sul, cor vermelha, elemento terra, estação primavera. O guardião desta tenda tocava o tambor em ritmo constante, e nessa direção iniciei o corte de meus cabelos, com uma tesoura cortando algumas partes para oferecer para a terra. Em seguida, fui para a direção oeste de cor laranja, elemento água. Depois de ficar um tempo com os sacos plásticos cheios de água e ervas sobre meus plexos vitais, ofereci outra parte de meu cabelo para esse elemento, jogando-os dentro dos potes de cerâmica cheios de água.

Na tenda da direção norte, cor azul, estação inverno, a guardiã oferecia um banho de canto e de chocalho, e, depois de sair desta tenda, ofereci meus cabelos para os quatro ventos representados pelos quatro tubos. Na direção leste de cor amarela, o guardião tocava um sino, e na sua frente ficava uma vela acesa. Ali ofereci ao fogo outra parte do meu cabelo, deixando-o queimar.

Como a árvore deixa cair suas folhas na chegada do outono, soltei meus cabelos para começar nova fase, nova estação. A vida é um constante ciclo, e a natureza nos mostra como passar por eles.

Depois de eu ter passado pelas tendas, outras pessoas que estavam presentes puderam passar por elas, onde cada uma delas foram estabelecendo suas relações com os espaços, objetos, sons, cores, que permitiam diferentes sensações e sentimentos em cada uma delas.

Durante a semana depois do ritual, continuei cortando meu cabelo até passar a máquina, cortando por inteiro. Guardei-o em um pote de cerâmica, e a sensação de comungar com a sabedoria da árvore do outono permanecia em mim.

Foi partindo dessas sensações que desenvolvi o segundo ritual, “Árvore: O Umbigo do Mundo”. No livro “O Sagrado e o Profano” de Mircea Eliade (1992), ele escreve sobre o simbolismo da árvore cósmica e cultos da vegetação:

O cosmos é um organismo vivo, que se renova periodicamente. O mistério da inesgotável aparição da Vida é solidário do renovamento rítmico do Cosmos. É por essa razão que o Cosmos foi imaginado sob a forma de uma Árvore gigante: o modo de ser do Cosmos e em primeiro lugar a sua capacidade de se regenerar, sem fim é expressa simbolicamente pela vida da Árvore. (ELIADE, 1992, p.118)

Foi seguindo minhas sensações, em que relacionava o próprio corpo com a árvore, que parti para tal ritual/performance em dezembro de 2012. Realizei-o no mesmo espaço onde havia montado as tendas anteriormente. Convidei algumas pessoas que já acompanhavam o processo, inclusive a artista plástica Talita Cavalcante, formada pela UEL, para participar de forma ativa dessa performance.

Os bambus sustentando as tendas ainda permaneciam no local, demarcando as quatro direções, e me posicionei no centro deste espaço de frente para a direção norte. Ali, com auxílio de uma enxada, cavei um buraco, depois fiz reverência às quatro direções e, em seguida, retirei meu vestido, ficando apenas com um short cor da pele. No buraco joguei meu cabelo cortado e, por cima, coloquei os pés. Aos poucos, fui trazendo de volta a terra espalhada, e assim me plantei. Meus pés ficaram cobertos pela terra, e meu corpo se encontrava recolhido, como uma semente.

Nesse momento, Talita começa a pintar em meu corpo uma árvore, com pincel e tinta acrílica, começando pelos tornozelos, pois meus pés já eram raízes dentro da terra. Aos poucos, meu corpo se integrava e se transformava, conforme eu ia me entregando ao abraço da terra nos meus pés, e ao toque do pincel que, conforme percorria meu corpo, fazia meu sangue virar seiva.

Minhas pernas ganhavam a força do tronco, que sustentavam meu corpo para que se desenrolasse lentamente. Assim meu corpo que já era árvore a crescer para o alto, buscando luz, e o contato direto dos meus seios com o ambiente permitia a consagração. Somos natureza, e nela tudo interage, tudo se integra, tudo se consagra a partir de uma rede de conexões que, muitas vezes, não pode ser vista, mas pode ser sentida.

Depois de comungar com a experiência e conhecimentos da árvore, retirei meus pés da terra e ali plantei uma árvore “Pau-Brasil”. Logo, agachada ao lado da árvore, aproximei meu rosto da terra e na emoção da finalização do ritual, lágrimas saíam pelo meu rosto e a árvore foi assim, pela primeira vez, regada.



Ritual da Árvore. Dezembro 2012.

Estabelecendo uma análise entre os rituais desenvolvidos, o primeiro, “Ritual da Iniciação”, se desenvolveu a partir de questões simbólicas entre meu corpo e os espaços e objetos ali concebidos, como uma instalação. Este possibilitava também a participação e envolvimento de outras pessoas dentro daquele espaço.

O segundo, “Árvore: o umbigo do mundo” partiu de uma relação do meu próprio corpo com a árvore, onde as pessoas presentes se relacionavam com o simbolismo da performance através da minha experiência.

Ambos os rituais foram registrados através de fotos e vídeos, que possibilitam a análise, a propagação, e possíveis desdobramentos do próprio trabalho.

A arte e o sagrado transcendem a ideia de certo/errado, melhor/pior, e nos mostram a importância de percorrer caminhos, onde a vida pode ser sentida, experimentada, criada e recriada através da experiência.

Relaciono meu processo artístico ao dos povos “primitivos”, já que não dissocio arte, ritual e vida. Todas essas se entrelaçam.

Se o resultado final não é a meta a ser atingida, o processo de criação, com os materiais e a elaboração artesanal, através da costura das tendas, é, por sua vez, o elemento fundamental, como também a performance, pois ela coloca a importância do transformador acontecimento presente. O trabalho aciona transformações em muitos âmbitos - corporal, espacial, intelectual, psíquico - e, na medida em que se propõe uma participação coletiva, o trabalho também problematiza as relações do indivíduo com o meio, e das comunidades (principalmente as urbanas e desconectadas do sentido comunitário) com o meio que as cerca.

O processo artístico se desenvolveu de forma intuitiva onde só era possível saber o próximo passo, não tendo consciência do todo. As relações estabelecidas posteriormente através da pesquisa contribuíram para o desenvolvimento e entendimento de possíveis trabalhos. Dessa forma, aproximo-me do pensamento do artista Shaffer, cuja relação com a arte se estabelece conectando-se com a intuição.

Se eu for capaz de redescobrir a minha primeira experiência de existência espiritual básica com a natureza, talvez possa ajudar os outros a redescobrirem e a honrarem as mesmas coisas neles próprios. Não tem importância que eu não possua nenhum treinamento particular ou conhecimento especializado, mas somente a habilidade em abrir e canalizar a intuição do meu próprio *self*. Eu deixaria a minha experiência do padrão primitivo de criação falar por mim, pois participei nos mais antigos trabalhos do espírito humano. Estou simplesmente fazendo uma ponte das coisas do passado para o presente. O que falta no mundo, em nossos dias, não é tanto o conhecimento dessas coisas do espírito, porém uma experiência delas. Experimentar o espírito é tudo. Acreditar é bom, mas uma experiência pessoal é melhor, um sentimento direto com alguma coisa. Você pode chamá-lo de estado xamânico, se quiser (SHAFFER apud GABLIK, S. 2005, p.620).

Os trabalhos apresentados nesse artigo visam pontuar a importância de se conectar a consciência xamânica no mundo contemporâneo, mostrando a arte como um canal e uma possibilidade de experimentar outros tipos de consciência e onde o ritual/performance surge para integrar o homem contemporâneo como um todo. Portanto, aquilo que parece meramente intuitivo une-se ao intelecto, sendo possível estabelecer uma pesquisa que desenvolve todos os aspectos sensitivos inerentes ao homem.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 16ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GUINSBURG, J; MAE BARBOSA, A. **O pós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

Patrícia Mendes Cavalcante

Estudante do último ano do curso de Arte Visual pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atualmente é monitora de criação, confecção e instalação na Biblioteca Viva Itinerante (Projeto patrocinado pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura - PROMIC) e Bolsista de Iniciação Científica (PROART) no projeto “Construção de Textos Científicos na Pesquisa em Artes Visuais”.

Claudio Luiz Garcia

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Mogi das Cruzes (1977), mestrado e doutorado em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (2006, 2010). Atualmente é professor doutor da Universidade Estadual de Londrina, atuando principalmente nos seguintes temas: gravura e imagem.